



# Os desoccupados

## GRAVIDADE DO PROBLEMA

Nossos olhos encontram diariamente na imprensa esta noticia, já tornada vulgar: Cresce o numero dos desoccupados na Europa e na America do Norte". Nesta, ou em palavras equipollentes, a advertencia dos jornaes não mais causa moッサ sobre o publico, e, por assim dizer, habituados se acham todos com o phantasma, que "*vires acquirit eundo*" Pagamo-nos com a idéa de que as coisas melhorarão, e de ser facil, por agora, a assistencia ao numero já avultado de victimas da desoccupação. O facto porém exige algum estudo, porque o mal se aggrava, e ameaça a sociedade, que, em futuro, mais ou menos proximo, já não poderá acudir ás victimas das circumstancias geradoras do phenomeno. As escolas socialistas denunciam um desejo muito natural de encontrar uma solução para o problema. O proprio bolchevismo não passa de uma experiencia para conseguir o mesmo resultado: eliminar a miseria resultante da defeituosa organização actual da sociedade. Mas si estas soluções, que exigem reformas mais ou menos profundas, e até transformação radical do actual Estado, não têm dado resultados proveitosos, claro é que o estudo do assumpto se mostra indispensavel, ao menos para ser palliado o mal que se tornou um pezadello para todos os espiritos previdentes. Hoje, pacificamente acceito é existir o direito ao trabalho. A objecção de que o Estado não pode dar serviço aos advo-

gados sem clientes, e aos medicos sem doentes, só por algum ignorante audaz pode ser opposta. Si fosse perfeita, como é desejavel, a organização social, não haveria advogados sem causa, nem medicos sem clientes: providencias seriam tomadas para que essas pessoas que constituem um excesso de dedicados a uma determinada profissão voltassem sua actividade para outro ramo de trabalho. Mas, emquanto não se obtem uma organização social de tal modo perfeita que conjure todos esses males, é bom investigar quaes os processos para minorar o mal que afflige a actual geração, mais do que agoniava os nossos avós.

Por um lado, ha os capitalistas a procurar, cada vez mais, augmentar a tyrannia do factor da producção da riqueza que possuem, que está em suas mãos; e por outro os trabalhadores na faina de conseguirem pôr em cheque os elementos que constituem a arma dos patrões; e assim idéam ambas as classes os mais engenhosos processos de guerra economica. Antes de occupar-me com os carteis, lockouts, e trusts, bem como das paredes, sabotagens e associações operarias para defesa das classes antagonicas, capitalistas e trabalhadoras, direi das origens do actual estado de coisas, ou do augmento progressivo e amedrontador dos desoccupados. Do mesmo modo que em todos os outros phenomenos sociaes, ha, para esta perturbação no serviço productivo dos varios povos cultos, motivos principaes e secundarios, factores mais ou menos importantes. De todos, deve destacar, para serem collocados entre os capitaes, dois: a guerra e as machinas.

## A GUERRA

Quasi todos os escriptores que se occupam com o problema a que neste momento dedico minha attenção, deixam na penumbra as demais causas dos transtornos na producção. Ha motivo para isto. Vem a ser que todos somos inclinados a acceitar o que é menos desconsolador. Si a guerra é

um phenomeno transitorio, dizem, claro é que a desocupação não tem esse tremendo caracter de mal que ameaça transformar-se em calamidade mundial, em verdadeiro problema insolúvel, com tendencia a produzir um cataclysmo. Não é possível porém, reconheço eu, disfarçar o effeito sinistro da guerra mundial na alteração da ordem que se observava no trabalho tradicionalmente organizado. Tem-se dicto e repetido, com muito criterio e observação digna de acatamento, que o facto de haverem alguns milhões de homens sido tirados de seu serviço habitual teve influencia damnosissima em seu modo de pensar. Deixada a arma de guerra, após cinco annos de campanha, é o espirito do soldado muito differente do que era no começo da lucta. Julga-se muito superior ao patrão, que, em geral, conseguiu escapar do encargo de defender a patria. Nas trincheiras, achou tempo para meditar sobre os problemas sociaes, e deu-lhes a solução que lhe pareceu mais agradável, mais conforme a seus interesses, com as poucas idéas economicas que possue seu rude cerebro: “Quod volumus facile credimus” Desacostumou-se do terrivel trabalho, que a lenda biblica considera uma rigorosa e justa pena pelo mais grave dos peccados, qual o da desobediencia ao Todo Poderoso. Perdeu a pericia technica de seu officio. Tambem, com o constante morticinio nos cruentos campos de batalha, apagou-se-lhe quasi inteiramente o espirito de solidariedade que liga os homens e os leva ao trabalho com menos dor, certos de que são uteis aos seus. Por mais que faça GIDE a apologia da solidariedade que ha entre os soldados, dizendo, ao estudar as cooperativas, que desenvolve a guerra a tendencia do homem para reunir-se a seu semelhante, tornando o batalhão um só homem na lucta, a verdade é que, si a guerra antiga podia firmar esta tendencia entre os compatriotas, de modo a acirrar o patriotismo, hoje a guerra, em que não mais ha coisa que se assemelhe á phalange macedonica, não concorre para a solidariedade, nem ainda entre os militares do mesmo exercito. Demais, a solidariedade patriotica não pode contribuir para animar o trabalho actual que

é em pról da humanidade, porque, como bem diz IHERING, o commercio de hoje não conhece fronteiras, não é limitado pelas lindes dos Estados. O amor á patria e o votado á humanidade são dois sentimentos que não fazem bôa liga. Mas, deixando este factor que pode ser denominado psychologico, individual, subjectivo ou pessoal, por se referir exclusivamente ao individuo que volta ao serviço productivo, passarei ao elemento social.

O trabalhador que troca a espada pelas ferramentas do agricultor, para me servir da linguagem figurada dos textos santos, vem, quando licenciado, encontrar o seu lugar occupado na industria onde estava empregado ao começo da campanha. Não é só. A propria industria se transformou, passando de productora de generos alimenticios, para sustento da vida humana, de abrigos contra as intemperies, a fabrica de artefactos destinados á destruição de cidades e de existencias preciosas. Transformadas as industrias, occupados os logares, foi uma difficil luta a de reorganização dos serviços após a ultima guerra. Entre os livros que a dotação CARNEGIE publicou, ha um preciosissimo sobre este assumpto, mas de interesse quasi exclusivamente europeu. Na realização das medidas propostas, nada de melhor conheço do que a obra de POINCARÉ em França, assumpto com que me occuparei linhas abaixo. Neste momento trato unicamente do diagnostico, deixando para depois a therapeutica. Como disse eu, linhas acima, foi a guerra um phenomeno transitorio, de maneira que é de esperar deixe de actuar por muito tempo sobre a desorganização do trabalho. Ha porém um outro factor que cresce com o tempo, e é com elle que passo a occupar-me.

## AS MACHINAS

Quando, no começo do seculo XIX, appareceram as primeiras machinas que influiram sensivelmente no augmento da producção, e que tiveram como consequencia a dimi-

nuição da necessidade da mão de obra do operario, houve uma verdadeira campanha contra ellas por parte dos trabalhadores, por terem logo comprehendido a revolução social que essas innovações produziriam. Os motores a vapor e, mais tarde, os electricos e os de explosão, augmentando-lhes a efficiencia, tornaram-nas verdadeiras inimigas dos operarios. No tempo das harmonias economicas (que são uma realidade, mas que não vão tão longe quanto julgava BASTIAT), foi asseverado que, si o operario tinha sido dispensado de um serviço manual, seria, em compensação, utilizado no de manejar a machina, produzindo muito mais, e que o producto seria para elle muito mais barato, donde poder viver com um conforto maior do que antes. O grande GIDE ainda affirma que as machinas, não fazendo roupa, nem casas (pag. 129 da 10.<sup>a</sup> ed.), mas só tendo concorrido indirectamente para obtenção mais em conta de roupa e casa, deram um desengano aos que suppunham que ellas revolucionariam o universo. Reconhece porém que por ellas foram muito prejudicados os operarios (pags. 131 e s.). Em sua recentissima obra “Vers l'autre Flamme” clama PANAIT ISTRATI contra os elevadores mechanicos que, em Brail, reduziram á miseria dois terços da população da cidade composta quasi toda de carregadores e de suas familias. O caso cresce de importancia, si for tomado em attenção que as machinas exigem cada vez menos homens para seu manejo (GIDE, pags. 131 a 138). O antigo telephone que occupava um elevado numero de operadoras para as ligações, hoje é automatico. Foi tambem a sorte que teve a machina a vapor que passou a ser seu proprio autor da mudança de direcção da força. O mesmo succedeu com o tear, e assim por deante. Na typographia, a linotypia e outros progressos ultteriores tambem puzeram no exercito dos desoccupados uma porção de typographos. As machinas pois não são esses entes innocentes, como diz BASTIAT. Si nada se pode tentar contra ellas, si não é possível conter a corrente do progresso, força é procurar um

ajustamento do trabalhador com a machina, de fórma que possa elle viver ao lado do braço de ferro que o poz fóra da luta pela existencia, que o esmagou com a indifferença da fatalidade. O problema é dos mais graves, sinão o mais grave que se deparou á humanidade.

### OPINIÕES VULGARES

Não é mau seja investigado o que pensam os trabalhadores, os mais directamente interessados na solução do problema. As mais estramboticas opiniões se deparam ao observador que deseja indagar qual o juizo dos operarios sobre o assumpto. E é de muitas dessas opiniões que nascem umas tantas das escolas socialistas sem o menor fundamento scientifico. O chaos que se nota nos arraiaes dos reformadores do mundo economico é o resultado de vistas parciaes, de observações defeituosas dos operarios, cujo espirito, além de pouca cultura, é obumbrado pelo interesse. Um dos mais sinistros factores dos erros das escolas é a crença de ser possivel uma superprodução geral, o que se denomina a *general glut*. Partindo desta falsa supposição, ha muitos que julgam indispensaveis as guerras e as epidemias para a diminuição dos desoccupados, doutrina, sem duvida, em diametral opposição á dos trabalhistas inglezes, que entendem ser a guerra producto dos interesses dos capitalistas, os quaes envenenam as relações internacionaes para tirarem proveito das luctas entre os povos. Ainda no arsenal da therapeutica empirica, apontam-se a diminuição de horas de trabalho e o augmento de salarios, coisas muito justas para não serem as machinas unicamente proveitosas para os capitalistas, mas medidas de difficil execução e meramente palliativas neste momento, meramente passageiras. Por outro lado, sustentando que parasitas são todos os membros de classes que não se occupam com a transformação da materia, exigem os operarios o trabalho obrigatorio para todos os homens, o que augmentaria a supposta superpro-

ducção geral, si não se acompanhasse a medida de uma accentuada diminuição de horas de trabalho. Seja lembrado, de passo, o clamor que sempre houve contra o trabalho carcerario. Na Constituição da Russia bolchevista só vale, e tem voto, na qualidade de cidadão, o trabalhador; e é o capitalista um governado pelos homens julgados verdadeiramente uteis á sociedade, e, por outro lado, diminuida a producção, em virtude da impossibilidade de applicação de grandes capitaes nas industrias, impossivel se tornou ao Estado bolchevista a lucta com o producto estrangeiro. Dahi a necessidade de implantar o bolchevismo no mundo inteiro, dahi a propaganda que é feita sem treguas pelos agentes da Russia em todo o universo, o que, com certo ar pituresco, fez dizer que o bolchevismo é artigo de exportação, fórmula que corresponderia á realidade, si não desse a entender que é *exclusivamente* de exportação, quando, de facto, é tambem producto para consumo da propria república dos soviets. Hoje o *dumping* corrigiu isto em parte.

Tem-se dicto que a solução do caso estaria em tomar a si o Estado a funcção de capitalista e regular a producção. Destarte evitaria a *general glut*, dado fosse ella uma realidade, e distribuiria as actividades no caso (que me parece ser o que ocorre) de dar-se a superproducção somente em certos productos. Ora, ainda sem estadizar o capital, é claro, como diz o liberal LEROY BEAULIEU, que bem poderia o Estado dispensar protecção a certas industrias pouco favorecidas pelo capital particular. Isto se faz, mas com a ineptia que todos, mesmo LEROY BEAULIEU, reconhecem ser o principal attributo do Estado moderno. Será precisamente a tecla em que eu tocarei seguidamente no desenvolvimento deste ensaio sobre o magno problema actual: o da necessidade de intervenção do Estado, por muito defeituosa que seja sua organização.

Antes porém darei outra opinião de alguns defensores da solução pelo cataclysmo, como sendo o unico remedio, uma especie de cauterio de ferro em braza. Si continúar,

dizem esses sinistros prophetas, a industria a produzir cada vez mais, si já ha a superprodução a assoberbar os capitalistas que só encontram nas guerras remedio afim de terem mercados novos para seus productos, si, reduzidos á miseria os desoccupados, não poderão adquirir o que lançam ao consumo as machinas, si quasi só o capital ficará produzindo, quasi totalmente dispensados os braços dos operarios, quaes serão os consumidores desses generos com que as machinas aborrotarão os mercados? Quando chegar esse dia a que a ambição dos capitalistas os arrastou, elles mesmos se verão obrigados a uma transacção com os trabalhadores, sem os quaes seus productos ficarão perdidos nos armazens.

Realizar-se-á então o vaticinio de Sismondi: movendo certa manivella produzirá o rei tudo quanto é necessario aos subditos. Responderei que muito terão de esperar os desoccupados até que chegue esse dia em que os capitalistas se renderão á descrição. E' bom que se examine o que ha a fazer já, em proveito dos milhões de homens que não encontram de que tirar os meios de subsistencia, agravada a crise após a guerra, sem duvida factor que não é desprezível, como mostrei acima.

Antes de proseguir, seja-me licito consignar que julgo unicas medidas de emergencia, temporarias, provisorias, o augmento do salario e a diminuição de horas de trabalho.

Uma das mais importantes causas dos erros de grandes economistas é, creio eu, a falta de informações completas, perfeitas, inteiras, desapaixonadas do que ha nas varias regiões do globo. Por muito que colham em livros, em revistas, acerca das condições economicas dos diversos Estados, sempre é incompleta a noticia que têm. Quanto ao vulgo, sua ignorancia a este respeito é verdadeiramente assombrosa. Conhecendo apenas o que se dá em uma região, em um breve tempo da vida de um povo, querem as pessoas que não têm noção da diversidade das condições economicas dos diversos paizes engendrar systemas convenientes ao mundo inteiro. Parece-me que deve ser cir-



cumscripto o meu exame ao Brasil, e ao momento atravessado pela nossa patria, soffrendo actualmente a acção da crise que afflige os Estados victimas da grande guerra, damnosa para vencedores e vencidos.

Seja por mim indicado um dos remedios que, com ser antigo, não deixa de ter muitos partidarios hoje: é o das obras publicas. Consiste em occupar os braços sem trabalho em grandes obras de utilidade geral. Já fôra seguido por Napoleão III, e ninguem contesta ter sido o principal factor da communa, porque, finda que foi a guerra franco-prussiana, entrada a França em regimen de rigorosa economia, apoderou-se dos trabalhadores licenciados um verdadeiro desespero, donde todas as loucuras que praticaram, mal inspirados pela fome.

## NO BRASIL

Só encontro uma solução do problema no Brasil, e particularmente em São Paulo: é o que lhe deu POINCARÉ em França, qual o de rumar para o campo o excesso de braços sahidos da industria fabril, das manufacturas urbanas. Não é isto tão facil de fazer quanto de dizer. Pôr este meu plano, *que é o de muitos*, por obra é, reconheço eu, tudo quanto ha de mais difficil. Affirmou-se que, tirada a terra das mãos dos senhores de incultos latifundios, e mesmo dos proprietarios que exploram seus immoveis pelos assalariados, adoptando-se qualquer dos muitos processos indicados por socialistas e anarchistas (desapropriação, imposto fortissimo sobre as terras, confisco etc.), estaria tudo resolvido, achando-se o Estado em condições de dar aos braços anciosos de trabalho lugar onde se applicariam. Puro engano! Nada mais difficil do que *acclimar*, si se me permite o vocabulo, o operario no campo. A prova é que Mussolini teve de adoptar as mais rigorosas medidas para que os moradores das cidades, uma vez remettidos para a lavoura, não regressassem aos centros populosos. Aqui

mesmo em São Paulo, a policia tinha espiões nos centros operarios, e, quando havia um fermento de parede, immediatamente exilava para a roça os revoltados, e luctava com a maior difficuldade para os manter fóra dos centros urbanos. Comquanto enviados para os extremos do Estado de São Paulo, e mesmo se achassem muitos dos exilados nas condições de verdadeiros escravos, conseguiam illudir a vigilancia dos seus guardas, e, a pé, conseguiam fazer o longo e penoso trajecto desde as lindes do Estado, ganhando, após uma odysséa, a capital. Conta-se que, tendo celebre politico (celebre por ter subido muito alto nos cargos publicos) de responder aos pedidos que alguns pescadores faziam de providencias para melhora de sua dura vida de homens do mar, empregados em industria vantajosissima para a nossa sociedade, respondeu-lhes nada mais simples haver do que subirem elles a serra que separa o litoral das terras de cultura, e irem empregar-se na lavoura do café com salarios vultosos! Foi, por muito tempo, apontada a phrase como sendo denunciadora da inepecia do politico. Podiam lá, dizia-se, e com razão, ir homens affeitos aos trabalhos do mar mudar de vida, depois de tantos annos, e passar a lavradores? Entre as duas maneiras de viver, disseram maliciosos, só ha de commum a *rede* em que o fazendeiro dorme a sesta, e de que o misero pescador se serve para apanhar o peixe.

Como pois, levar para o campo, operario habil somente nas industrias urbanas. O relatorio apresentado por POINCARÉ dá idéa não só do seu engenho inventivo, mas tambem de sua inexcedivel pertinacia. Antes de tudo, é necessario ter presente que um homem não vae morar em lugar destituido dos recursos a que a vida civilizada o habituou. Os chamados *nucleos coloniaes* que o nosso governo offerecia aos trabalhadores não podiam ser por elles acceitos, porque não realizavam esse primeiro requisito. Si o governo, em lugar adequado, estabelecer um núcleo provido de medico, pharmacia, armazem com os generos de primeira necessidade, egreja (por muito pequena que seja)

e mais recursos para as necessidades de um homem que viveu em centro urbano, terá satisfeito a primeira condição para fixar o operario fóra da cidade. Não é só. O que muitos ignoram é que a technica, o preparo do operario está longe de bastar para a agricultura. Mondar, lavrar, gradar, escarificar, adubar a terra, abalaquecer, enxertar, podar uma arvore, colher os fructos, semear, levantar uma meda de forragem a ferrar, são operações desconhecidas de quem era torneiro, envernizador, fundidor. Lidar com um animal não é dado a um trabalhador que não conhece os habitos dos utilizados na lavoura. Dir-me-ão que são coisas que se aprendem em pouco tempo. Puro engano! Exigem esforço diuturno e mestres. Sem um mestre no nucleo, estará o novel em estado de justificar a asserção do caboclo, quando affirma que *até burro conhece trabalhador chegado da cidade*. Ainda ha o problema dos instrumentos aratorios, porque o operario que passa a agricultor não tem capital bastante para adquirir os de que precisa. E' ao governo colonizador que cabe o encargo de fazer os adeantamentos indispensaveis para essa compra, assim como lhe incumbe, segundo acabo de dizer, a rigorosa obrigação de prover a colonia de mestres em estado de ensinarem o modo de manejar taes instrumentos. Consignarei que POINCARÉ até cinematographos mandou estabelecer nas aldeas de França, para que desse genero popular de divertimentos não sentisse falta o recémchegado ao campo! Direi, incidentemente, que, si o cinema official, em vez de dar só fitas de aventuras amorosas, der instructivas, nenhum reparo ao acto de POINCARÉ poderá haver da parte dos avessos a satisfazer caprichos dos pobres, porque então o espectaculo será uma lição de noções utilissimas ao lavrador.

Eis, em poucas linhas, esse programma que confesso difficil de pôr por obra, plano cuja execução é para a capacidade de um homem pertinaz e criterioso. Tornar o projecto uma realidade é um beneficio para as classes que hoje gemem na miseria em tugurios da cidade, em *porões* imundos, insalubres, infectos de nossa capital artistica.

## PROCESSOS VIOLENTOS

Mas ha incontestavelmente entre os desoccupados, alguns individuos vadios, incapazes de entregar-se ao trabalho honesto. Negar isto será negar a luz meridiana. Esses maus cidadãos, além de serem directamente pesados á sociedade della recebendo a assistencia devida aos desprotegidos da sorte, ou ás victimas da fatalidade, são elementos de corrupção, envenenando a alma dos seus rudes companheiros com promessas inexequiveis, como sonhos irrealizaveis. Para esses só vejo o remedio do presidio agricola, ficando sujeitos ao regimen da producção obrigatoria como verdadeiros delinquentes que são. Quanta cultura poderia tentar o Estado com taes elementos! Sabido é que o trabalho carcerario deixa de ser um concorrente do honesto, quando, como diz ACHILLES LORIA, tem o governo o cuidado de o dirigir para producção de generos não fornecidos ao consumo pelo trabalhador honrado e ordeiro. Não é só: tambem ha as culturas de experiencia que o particular teme, com justa razão, tentar. Sirvam de exemplo as culturas, tão preconizadas nestes ultimos tempos, da maniçoba, do trigo, de fructos em que é prodigo o Brasil (abacaxis, laranjas, côcos, cajus, mangas, etc.) e de certas plantas textis. Sendo para proveito da communhão social, não é justo façam as experiencias os particulares. Ellas devem ficar a cargo do erario publico. Si não derem resultado favoravel, insignificante é para cada membro do Estado o prejuizo com a experiencia. O particular é que não quererá aventurar-se em taes tentativas que lhe podem ser ruinosas. Uma vez que me occupo com delinquentes, direi que tambem não ha mal em empregal-os em obras publicas, como são, por exemplo, estradas de ligação entre as estações ferroviarias ou os centros de consumo e os nucleos coloniaes. Já foram neste mesmo Estado empregados delinquentes na abertura das estradas de luxo destinadas aos automoveis das classes opulentas, e portanto parece ser facil, ou, ao menos, sem ne-

nhum inconveniente, utilizal-os nas de proveito popular, ou dos pequenos productores agricolas. Não offerece o emprego de algumas centenas ou mesmo milhares de criminosos nessas obras publicas o perigo de utilizar os braços de milhões de homens que podem ser licenciados de um momento para outro, ficando sem pão para si e para os seus. Entre as muitas obras publicas utilissimas, lembrarei a rectificação do Tieté na circumvizinhança da Capital.

### CONCLUSÃO

O que é certo, o que se viu, nestes ultimos annos, foi que a França, onde certos espiritos ultrarevolucionarios prediziam ser impossivel a producção do trigo na mesma quantidade que antes da guerra, tem conseguido, graças á protecção sabiamente dispensada aos pequenos agricultores, encher seus celeiros, como si um periodo de vaccas gordas houvesse sido enviado pela Providencia. Queixam-se todos de que os altos salarios pagos pelas fazendas de café afugentaram os braços de outras culturas, como succedeu á Hespanha ao tempo da sua inundação pelo ouro americano, e ao Perú pela exploração do guano. Pois bem! Ahi estão milhares de braços que podem ser deslocados das industrias urbanas para a pequena lavoura, si o governo se incumbir da campanha com que se immortalizou POINCARÉ em França. E seja posto em destaque que o solo da França não pode ser comparado com esta ubertosa terra brasileira, assombro de todos os europeus que mourejaram nas lidas agricolas no Velho Continente.

JOÃO ARRUDA

---